

Variação e mudança linguísticas e preservação da informação

(Variation and linguistic change and preservation of information)

Deize Crespim Pereira

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

deize.pereira@usp.br

Abstract: The aim of this paper is to consider the influence of the linguistic factor informational status on two phenomena under linguistic variation and change in Popular Brazilian Portuguese: (i) explicitness x omission of reflexive pronouns, and (ii) application x non-application of the subject-verb agreement rule with the 1st plural person. The data under study consist of interviews from the project *Português Popular em São Paulo* (*Popular Portuguese spoken in São Paulo*) and the project *Filologia Bandeirante* (*“Bandeirante” Philology*). The theoretical and methodological tools are those from Functional Linguistics and Labovian Variationist Sociolinguistics. The results of data’s quantitative analysis show a tendency to preserve referential information in contexts in which it conveys new information. Thus, the subject-verb inflectional agreement as well as the reflexive pronouns tend to be explicit when their absence results in loss of information.

Keywords: Functional Linguistics; preservation of information; Popular Brazilian Portuguese

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a influência do fator linguístico *status* informacional em dois fenômenos de variação e mudança linguística no português popular brasileiro: (i) a realização x não-realização do pronome reflexivo e (ii) a aplicação x não-aplicação da concordância verbal de 1^a pessoa do plural. O *corpus* se compõe de inquéritos do Projeto *Português Popular em São Paulo* e do Projeto *Filologia Bandeirante*. Os pressupostos teórico-metodológicos são retirados da Linguística Funcional e da Sociolinguística Variacionista Laboviana. Os resultados da análise quantitativa dos dados mostram que existe uma tendência de preservar a informação referencial em contextos nos quais esta veicula informação nova. Assim, tanto a concordância verbal quanto o pronome reflexivo tendem a ser realizados pelo falante, quando sua ausência implica comprometimento da informação.

Palavras-chave: Linguística Funcional; preservação da informação; Português Popular Brasileiro

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a influência do fator linguístico *status* informacional em dois fenômenos de variação e mudança linguística no português popular brasileiro: (i) a realização x não-realização do pronome reflexivo e (ii) a aplicação x não-aplicação da concordância verbal de 1^a pessoa do plural.

O *corpus* sob análise se compõe de inquéritos que integram dois projetos: *Português Popular em São Paulo* e *Filologia Bandeirante*.¹ O Projeto *Português Popular em São Paulo* se compõe de entrevistas com informantes adultos, de ambos os sexos, de baixa ou nula escolaridade, paulistanos e migrantes de vários estados brasileiros, que moram em diversas favelas da cidade de São Paulo. O Projeto *Filologia Bandeirante* é composto de inquéritos de informantes idosos de ambos os sexos, analfabetos ou de baixa escolaridade,

1 Foram utilizados 72 inquéritos do Projeto *Português Popular em São Paulo*, para analisar a realização x não-realização dos pronomes reflexivos, e 15 inquéritos do Projeto *Filologia Bandeirante*, para analisar a aplicação x não-aplicação da concordância verbal de 1^a pessoa do plural.

nascidos e criados na zona rural dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, na área correspondente às trilhas históricas das bandeiras paulistas.

Os pressupostos teórico-metodológicos são retirados da Linguística Funcional (HALLIDAY, 1987, 1994; DIK, 1989, 1997) e da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 1991, 1994, 2001). Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa computacional Goldvarb.

Pressupostos teóricos

O ponto de partida do presente trabalho são as reflexões de Labov (1994), apresentadas em sua obra *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, mais especificamente, nos capítulos 19 e 20, respectivamente intitulados “The Overestimation of Functionalism” e “The Maintenance of Meaning”. Nestes capítulos, Labov faz uma crítica aos funcionalistas, argumentando que fatores de ordem funcional não dão conta de explicar a variação e a mudança linguísticas. Os fatores de ordem funcional são entendidos como aqueles que têm o efeito de preservar a informação. Vejamos, pois, um breve resumo da visão funcionalista da variação e mudança.

Os linguistas funcionalistas postulam que a principal função da língua é a comunicação. Assim, em conformidade com a maneira como veem a língua, os funcionalistas hipotetizam que a variação e a mudança linguísticas são governadas pela função comunicativa. Halliday (1987, 1994), por exemplo, argumenta que a língua muda justamente para satisfazer melhor as necessidades comunicativas dos falantes. O uso linguístico é governado pela necessidade de comunicar informação referencial, e há uma tendência geral de evitar a perda de informação.

Explicações funcionais da variação e mudança linguísticas pressupõem que os falantes, quando formulam as expressões, levam em conta a informação pragmática compartilhada com o ouvinte (conferir modelo de interação verbal de DIK, 1989) e, se houver a possibilidade de escolha entre duas formas alternativas (em termos sociolinguísticos, duas “variantes”), eles favorecem aquela que transmite o sentido da forma mais eficiente e efetiva.

Uma outra hipótese formulada pelos funcionalistas é que a mudança linguística pode ser barrada nos contextos em que implica comprometimento da informação. Para os funcionalistas, existe uma tendência de a informação semanticamente relevante ser mantida na estrutura superficial (KIPARSKY, 1982 apud LABOV, 1994). Assim, uma mudança fonética, por exemplo, pode não ocorrer em determinados contextos nos quais levaria à perda de distinções morfológicas.

Uma análise funcionalista da variação e mudança parte do pressuposto de que nenhuma informação é totalmente perdida, uma vez que sempre há informação redundante. Logo, a supressão de um determinado item linguístico seria condicionada pela quantidade de informação presente no entorno linguístico e no contexto situacional.

Labov (1994) nota que estudos variacionistas tentaram verificar a validade destas hipóteses funcionalistas, mas, segundo ele, tais estudos não as comprovaram. Há muitas mudanças fonéticas que apagam flexões, levando à perda de distinções morfológicas. Sua opinião, portanto, é que a necessidade de comunicar não governaria a variação e a mudança.

Estas podem, ainda segundo Labov, ser explicadas pela atuação de fatores estruturais e mecânicos, cegos para as necessidades comunicativas dos falantes.

Para exemplificar esses fatores mecânicos, Labov menciona vários fenômenos de variação sincrônica fonológica e morfológica, entre os quais: (i) a variação entre realização e não-realização de *-s* morfema de plural em sintagmas nominais, no espanhol porto-riquenho da Filadélfia (POPLACK, 1980 apud LABOV, 1994), a qual seria condicionada somente por fatores de natureza fonética; (ii) a variação da concordância verbal no português do Brasil (SCHERRE; NARO, 1993), a qual é fortemente influenciada pelo fator paralelismo – marcas levam a marcas, e zeros levam a zeros, isto é, verbos marcados tendem a ser seguidos por verbos igualmente marcados, enquanto verbos não-marcados tendem a ser seguidos por verbos igualmente não-marcados. Para Labov (1994), o paralelismo faz com que a flexão do verbo seja omitida quando necessária, e utilizada quando redundante.

O autor, contudo, não chega a ser tão radical a ponto de negar totalmente a influência de fatores funcionais. Segundo ele, estes não são capazes de explicar o *processo* de variação e mudança, mas podem aparecer como *produtos* da mudança linguística, quando esta finalmente se completa.

When language changes, its information carrying capacity is often threatened; but in the long run, most languages do preserve their means of conveying information, more or less, by one route or another. Though speakers may not behave wisely and thoughtfully as they choose one variant or the other, somehow the system does react. (LABOV, 1994, p. 568)

It is important to note that in the course of language evolution, change does go to completion, and variable rules become invariant. When this happens, there is inevitably some other structural change to compensate for the loss of information involved. (LABOV, 1991, p. 223)

Principle of structural compensation: when the rate of deletion of a meaningful feature of a language increases, the frequency of features that redundantly carry this meaning will increase. (LABOV, 1994, p. 604)

Para Labov, portanto, quando uma mudança linguística se completa, o sistema tende a se reajustar para preservar a informação que foi perdida. Esse reajuste do sistema é explanado a partir do conceito que Labov denomina “*probability matching*”: mecanismo de aprendizagem inconsciente, através do qual os indivíduos percebem as formas linguísticas mais frequentes, passando a empregá-las em sua fala. Um exemplo deste reajuste funcional é o aumento na frequência de preenchimento do sujeito por pronomes, para compensar a perda de flexão número-pessoal no paradigma verbal (HOCHBERG, 1986 apud LABOV, 1994).

Este aumento na frequência de uso de um determinado item linguístico, para compensar a perda de informação ocasionada pela supressão de outro, seria motivado pelo aumento nos casos de incompreensão gerados pela mudança linguística (cf. KROCH, 1989 apud LABOV, 1994). Em outras palavras, os falantes não conseguem se entender e inconscientemente passam a empregar formas que veiculam a informação suprimida pela mudança linguística.

Labov (1994) lança a hipótese de que os casos de incompreensão entre interlocutores sejam muito frequentes na comunicação diária. Contudo, passam despercebidos, e somente são notados quando o modo como o ouvinte entendeu a expressão não se encaixa com determinada situação pragmática.

Os contextos que geram desentendimentos na comunicação diária seriam os mesmos que levam os linguistas à análise e codificação equivocada dos dados. Estas são apontadas como uma das principais causas de se ter superestimado os fatores funcionais.

Para ilustrar como se dá esta codificação equivocada de ocorrências, Labov cita o estudo de Poplack (1980 apud LABOV, 1994). Esta autora constata que a supressão de *-s*, morfema de plural nos sintagmas nominais (*las cosas bonitas*), e de *-n*, morfema de 3ª pessoa de plural nos verbos (*mandan*), jamais ocorrem quando não há informação desambiguadora nos contextos linguístico ou situacional, que indique que se trata de uma forma de plural. Mas, segundo Labov (1994), este achado não pode ser tomado como argumento a favor da hipótese funcionalista de preservação da informação, porque casos totalmente não-marcados (i.e. em que não há marca formal de plural em nenhum elemento do sintagma nominal nem no verbo, tampouco informação contextual que indique que se trata de uma forma de plural) devem necessariamente ter passado despercebidos pelo linguista.

Vale ressaltar que uma posição funcionalista extrema não dá margem para sequer se admitir esta possibilidade. Uma visão funcionalista da língua assume que, se o falante quis expressar o plural, ele vai necessariamente explicitar esta informação de algum modo em seu discurso.

De fato, o postulado de que a função comunicativa da língua governa seu uso é caro para os funcionalistas. O próprio Labov (2001) reconhece que os falantes querem transmitir para o ouvinte o conteúdo proposicional do que eles estão dizendo, e ficam irritados e confusos quando não são bem sucedidos. Tais reflexões serviram de ponto de partida para o desenvolvimento deste artigo.

Em estudos anteriores, empreendi análise quantitativa da variação na realização da concordância verbal de 1ª pessoa do plural (PEREIRA, 2004) e da variação no uso dos pronomes reflexivos (PEREIRA, 2007) no português popular brasileiro, considerando vários fatores, tanto de natureza linguística como de natureza social. No presente trabalho, utilizo estes dados com o objetivo de refletir sobre o peso do fator *status* informacional na variação e mudança linguísticas.

Através deste fator, formulado com base em Halliday (1994) e Dik (1989, 1997), analiso o discurso em termos de informações dadas e novas. A informação dada é entendida como aquela que é dada/conhecida para o ouvinte, algo que já foi apresentado no contexto verbal ou situacional. O Dado é geralmente um elemento fórico. Por ser passível de ser recuperado, pode ser elíptico.

A informação nova, por outro lado, é aquela que é apresentada como nova/não-conhecida para o ouvinte. Tipicamente ela é nova porque não havia sido mencionada anteriormente, mas pode ser também algo inesperado ou importante, previamente mencionado ou não, algo que o falante apresenta como novo. A parte nova pode ser assinalada por proeminência tônica, o que caracteriza a parte mais importante, o Foco Informacional.

Variação no uso dos pronomes reflexivos

A análise do *status* informacional consiste em verificar se o pronome reflexivo veicula informação dada ou nova. Do ponto de vista discursivo e semântico, o pronome reflexivo serve para transmitir a informação de que o sujeito e o objeto do verbo têm

o mesmo referente, são correferenciais. Vejamos o exemplo abaixo, retirado de Lima-Hernandes (2004).

Doc. Alaga a rua toda! O senhor não tem vontade de mudar um dia? / Inf. Como assim? Mudar o que? Mudar em que?

Neste contexto, a forma reflexiva, que foi omitida (*mudar-se*) constituía informação nova, e a sua omissão ocasionou comprometimento da informação, uma vez que o entrevistado não compreendeu a pergunta do documentador, isto é, não entendeu a identidade entre sujeito e objeto (*mudar-se ele mesmo* de lugar).

Há, por outro lado, ocorrências nas quais esta identidade claramente constitui informação dada: a omissão do pronome reflexivo não prejudica a informação, e a sua presença é redundante, porque o verbo normalmente é empregado com sentido reflexivo e, por assim dizer, já incorpora este sentido. Exemplos:

- (1) Quando eu lembro meu coração dói (I.p, p.11)
- (2) meu pai casô de novo, hoje tem mais cinco filho (I.e, p.12)
- (3) eu me arrependi tanto (I.r, p.3)

Mesmo entre os verbos que prototipicamente não se empregam reflexivamente (*entender, considerar*), ou que podem ou não ser usados na forma reflexiva (*divertir*), o entorno discursivo pode esclarecer o sentido reflexivo. Em outras palavras, a presença de um complemento ou predicativo (em itálico) pode tornar o sentido reflexivo informação dada. Exemplos:

- (4) eu ficava sozinha, é que entrava gente aqueles caipira, entrava muita gente saía, uns fazia baldeação, eu divertia ali, () mais tinha aquelas coisa de (...) (I.z,p.17)
- (5) Eu sempre trabalhei desde que eu entendi por gente de idade de déis ano pra () até uns seis anos atrás. Trabalhava sempre não tinha domingo nem feriado nem nada. (I.z,p.14)
- (6) mas nós sofremos demais aqui ... viu?... hoje em dia nós pode considerar rico/ Doc. é verdade/ Inf. é... tem água tem luz dentro de casa. (I.P².p.16)

Tomando por base a perspectiva funcionalista, analisa-se o discurso como um processo e não como um produto. Logo, se o sentido reflexivo somente é esclarecido em orações posteriores (em itálico) à ocorrência, esta é considerada um contexto de informação nova, mesmo que o pronome não tenha sido realizado pelo falante. Exs.:

- (7) Inf. e a gente tá aqui esse tempo todo / Doc. E você acostumô aqui?/ Inf. Costumei mais tenho tanta vontade de saí daqui não por mim pelo meus filho sabe? Eu não quero que eles cria cê vê né? era pra gente vim ficá um ano dois ano vai fazê cinco ano e meio que a gente tá aqui/ Doc. Bastante tempo/ Inf. Então eu tive dois filho aqui. Ave Maria não quero que *eles cria aqui* não (I.y,p.29)
- (8) Inf. A fera é boa. Eu comprava num senhor ali vô largá né? e agora apertei fais vai fazê dois meis que *eu não dô dinheiro pra ele*. (I.z,p.12)
- (9) Eu que num ligo pra aparência não. Ligo é pro caráter das pessoa... então eu falo é... às veze a irmã fala que eu sou muito chata. Num é chata a pessoa tem que dá valô. *Num é qualqué carinha que mexe que deve ficá derreteno pra ele*. (I.9¹,p.36)

O caso mais claro de informação nova é representado por instâncias em que a identidade, entre o referente do sujeito e outro referente da mesma oração, constitui informação totalmente inesperada, tomando o discurso imediatamente anterior. Na ocorrência a seguir, por exemplo, a ausência do pronome levaria a uma interpretação não-reflexiva: “esse [torcedor fanático] é capaz de matar [alguém] por aquilo ali”.

- (10) Inf. eu não não sô eu sô um eu sô o seguinte sô um torcedô, mais não sô um torcedô fanático. Porque ((grito da filha)) inxiste inxiste o torcedô fanático né? /Doc. É, realmente / Inf. O fanático é esse que sai daqui com chuva com sol ele vai lá discuti / Doc. e com radinho né? / Inf. É, esse é o fanático, então esse aí é capais de se matá por aquilo ali, mais eu não sô um fanático. (I.2,p.12)

Muitas das ocorrências de informação nova são gramaticalmente marcadas como Foco, isto é, informação saliente, através principalmente do uso da estrutura clivada, mas também de formas pronominais tônicas, como em (11-13).

- (11) Vô te falá, eu truxe esse troço tudo na cabeça minha filha, lá de baxo praqui e ele não queria nem sabê. Falava “Que nada cê que se lasque” (I.a,p.12)
- (12) eu fiquei internada duas vez com pneumonia. Aí eu falei “Sabe duma coisa? Eu vô cuidá é de mim” (I.f,p.9)
- (13) Era eu mesmo que tinha que me virá tinha que í lá nos cafundó do juda pedi caxão porque não podia comprá mesmo né? (I.f,p.16)

Os dados incluem, por fim, algumas ocorrências ambíguas (exemplos 14-16), com o intuito de capturar os zeros que estão faltando (“*zeroes missing*”) mencionados por Labov (1994), isto é, as ocorrências de zero que normalmente escapam do linguista, justamente pelo fato de constituírem informação nova e não serem marcadas. Segundo o autor, estes zeros, que passam despercebidos e não são recolhidos, foram a causa de se ter superestimado o peso de fatores de ordem funcional em fenômenos de variação e mudança.

Nas ocorrências a seguir, o sentido reflexivo constitui informação nova. Na verdade, elas contêm referentes em competição (em itálico>) e podem ser entendidas tanto como reflexivas, quanto como compreendendo dois referentes distintos.

- (14-15) Mais eu eu nessa hora eu nem sabia que (pode) que que eu fazia. Ela “acode mãe que a nenê *se machucô* a nenê caiu da cama”. Eu pensei na hora que eu peguei a menina que vi lavada de sangue eu pensei () a menina que bateu *a cabeça* na perna da cama e tinha cortado. Que eu peguei ela a coitadinha tava até sem fala ((ri)) (...) aí elas danô a gritá “ô (marido) a nenê cortô olha pra nenê” e eu comecei também ficá desesperada de vê tanto sangue num nenenzinho (I.t,p.13)
- (16) Inf. não, esse aí não foi eu que fiz não mais a gente pinta isso aí / Doc ahn ahn e e/ Inf. Fazia mais era era pintava mais pano de prato, fazia *cadás coisinha bonita* que as muié admirava “Ah mais óia, dona Geralda () tá fazendo cada *trem bonito*, fazia aquelas florona bacana” ((ri)) *Elas se admirava* / Doc.Gostoso. E a senhora não fais pra vendê assim? (I.n,p.11)

Tabela 1: frequência e peso relativo de realização do pronome reflexivo de acordo com o status informacional (*corpus* do Projeto *Português Popular em São Paulo*)

Status Informacional	Frequência	Peso relativo
Dado	437/1401=31%	0.40
Novo	258/291=89%	0.88
Total	695/1692=41%	

A tabela 1 indica que a variação pronominal é fortemente influenciada pelo fator *status* informacional. O falante tende a realizar o pronome quando este veicula informação nova no discurso (frequência: 89%; peso relativo: 0.88). Na maior parte das ocorrências encontradas no *corpus*, porém, o pronome corresponde à informação dada, conhecida para o ouvinte. Neste contexto, em que a presença do pronome é redundante, predomina a não-realização (frequência: 31%; peso relativo: 0.40).

Variação da concordância verbal de 1ª pessoa do plural

Do ponto de vista informacional, a concordância verbal serve para assinalar quem é o sujeito do verbo; ela transmite, portanto, a informação relativa ao referente do sujeito. Esta informação pode ser veiculada tanto pelo sujeito explícito, quanto pela flexão número-pessoal do verbo. Nas instâncias em que o referente constitui informação dada, tanto o sujeito quanto a flexão número-pessoal do verbo podem ser omitidos; já nas instâncias de referente Novo no discurso, ao menos uma das duas formas de explicitação deste referente terá de ser utilizada (i.e. o sujeito ou a flexão verbal).

Na análise do *status* informacional do sujeito, a questão foi colocada do seguinte modo: o referente de um determinado verbo – independentemente de o sujeito ser explícito ou zero, independentemente de o verbo estar ou não flexionado – constitui informação conhecida ou nova? Um teste para determinar o status informacional do sujeito consiste em extrair a flexão número-pessoal do verbo e o sujeito (se estes estiverem presentes). Caso seja possível, ainda assim, depreender o referente do verbo, este constitui informação dada.

Examinemos os exemplos a seguir.

(17) trabaiava aqui *eu i us dois fio meu* (I.13,p.192)

No exemplo (17), o sujeito explícito composto, posposto ao verbo, representa informação nova, já que é a primeira vez em que aparece no discurso. Tal sujeito é introduzido inclusive no lugar típico da informação nova, que geralmente ocupa uma posição mais ao final da sentença. O falante está, portanto, introduzindo este referente no discurso.

(18-21) *nói era* muito pobrezinho nu tinha nada...é...tinha nada só usava uma prantinha (I.2,p.19)

Em (18-21), o sujeito da primeira sentença é explícito, representado pelo pronome *nós*. Neste contexto também representa informação nova, porque está sendo introduzido no discurso. Nas demais instâncias em que a casa vazia do sujeito retoma “*nós*”, sendo o verbo não-marcado quanto à flexão número-pessoal, o sujeito é dado, uma vez que já sabemos que o seu referente é *nós*.

- (22) *são tiago* hoje é *uma cidade* boa pra *nóis* que somo aqui...*desse lugarzinho pobre* né? graças a deus temos bons professores boas escola...bons padre (I.1,p.15)

Em (22) há o uso do sujeito zero e o verbo flexionado na 1ª pessoa do plural. Neste contexto, a flexão representa informação nova. Isto ocorre porque o verbo tem um antecedente (*nóis*), mas a não-realização da flexão verbal implicaria ambiguidade na identificação do referente, o qual poderia ser interpretado como a cidade: “São Tiago tem bons professores, boas escolas, bons padres”.

- (23) aqui na estrada memo otu dia umas par de veis *nóis* matemo cascavel nessa estrada aqui vem do artu pa bebê água nu riberão né? lá de vorta ela no barro ela num sobi...ali memo fai uns doi meis *nói* matemo dua nu pé daqueli pau lá naquele naquele postu lá (I.4,p.57)

No exemplo (23), a ausência do sujeito pronominal ou da flexão dá margem para uma interpretação do referente do verbo como indeterminado. Se o falante dissesse *matou duas*, a casa vazia do sujeito poderia ser interpretada como de referência indeterminada. Logo, neste contexto, o referente do verbo constitui informação nova.

- (24) *foi foi nós* que fizemo (I.2,p.34)

- (25) *nóis* é que tinha que fazê o (nosso) separado (I.3,p.40)

- (26) fico comendo o churrasco que *nói* paguemo ... ((risadas)) *nói* que paguemo (I.5,p.72)

Os exemplos (24-26) ilustram casos em que o referente do sujeito é entonacionalmente e estruturalmente marcado como informação nova através do uso da clivada.

Tabela 2: frequência e peso relativo de realização da regra de concordância verbal de 1ª pessoa do plural de acordo com o status informacional (corpus do Projeto Filologia Bandeirante)

Status informacional	Frequência	Peso relativo
Dado	20/111 = 18%	.22
Novo	85/206 = 41%	.67
Total	105/317 = 33%	

Os resultados exibidos na tabela 2 evidenciam que a concordância é favorecida, quando o sujeito constitui informação nova (frequência: 41%; peso relativo: 0.67), e decisivamente desfavorecida, se o referente equivale a informação dada (frequência: 18%; peso relativo: 0.22).

Na medida em que a informação relativa ao referente do verbo pode ser transmitida tanto pela flexão número-pessoal como pelo sujeito explícito, a análise incluiu o cruzamento de fatores, de modo a examinar concomitantemente ambas as possibilidades de explicitação do referente. Os resultados são exibidos nas tabelas 3 e 4.

Tabela 3: frequência de realização do sujeito conforme o status informacional (*corpus* do Projeto *Filologia Bandeirante*)

Realização do sujeito	Status informacional	
	Sujeito Dado	Sujeito Novo
Sujeito explícito	34/111 = 31%	177/206 = 86%
Sujeito zero	77/111 = 69%	29/206 = 14%

Tabela 4: frequência de realização da regra de concordância verbal de 1ª pessoa do plural de acordo com a presença/ausência do sujeito e o status informacional (*corpus* do Projeto *Filologia Bandeirante*)

Realização do sujeito	Status informacional	
	Sujeito Dado	Sujeito Novo
Sujeito explícito	8/34 = 23%	57/177 = 32%
Sujeito zero	12/77 = 16%	28/29 = 97%

Vejam, primeiramente, a realização x não-realização do sujeito conforme seu *status* informacional. Uma vez que o índice geral de concordância verbal na 1ª pessoa do plural é extremamente baixo no português popular (no nosso corpus, apenas 33%), fato já constatado por outros estudos (cf. RODRIGUES, 1987), era de se esperar que o falante realizasse o sujeito com maior frequência em todas as instâncias, como um tipo de compensação funcional, estratégia sugerida por Labov. No entanto, a tabela 3 mostra que a realização do sujeito não se dá indiscriminadamente, mas segue um padrão. O falante do português popular tende a optar pelo sujeito explícito nos casos em que este veicula informação nova (177/206=86%), ao passo que nas instâncias de sujeito Dado, a opção preferencial é a sua omissão (77/111=69%).

Passemos à tabela 4, que mede a realização da concordância verbal conforme o *status* informacional e a realização x não-realização do sujeito. Do ponto de vista funcional, a concordância verbal não se faz necessária nos casos de sujeito explícito, uma vez que este já contém a informação relativa ao referente do verbo. E, de fato, não há uma diferença muito significativa nos índices de concordância com sujeito explícito, conforme este represente informação nova (32%) ou dada (23%).

Voltemos, pois, nossa atenção para as ocorrências de sujeito zero. A tabela 4 indica que o contexto de sujeito zero equivalente à informação dada inibe fortemente a realização da concordância verbal (16%). Os exemplos a seguir ilustram este contexto.

(27-31) tava chuvendu *nóis* tava batendu a enxada nu parava ia nu ranchu ranchu di capim trocava a ropa botava aquela enxugá lá nu fogu i ia trabaiá (I.13,p.192)

Os exemplos (27-31) mostram que o referente tende a ser explicitado na posição de sujeito da primeira oração e apagado nas demais; a concordância verbal igualmente não se realiza. Nestes casos, a ausência concomitante do sujeito e da flexão número-pessoal do verbo não resulta em comprometimento da informação, uma vez que o falante já apresentou ao ouvinte o referente (*nós*) no trecho do discurso imediatamente anterior, tornando tal referente um Tópico Dado (cf. também RODRIGUES, 1989).

O contexto de sujeito zero equivalente à informação nova, por outro lado, apresenta o padrão oposto, favorecendo a concordância verbal, praticamente de maneira categórica:

de um total de 29 ocorrências de sujeito zero Novo, em 28 a concordância se realiza (97%).² Este contexto engloba tanto casos em que não há um antecedente de 1ª pessoa do plural expresso no discurso anterior (como no exemplo 32), quanto aqueles em que este antecedente está presente, mas a flexão número-pessoal do verbo se faz necessária para evitar ambiguidade na interpretação do referente, como no exemplo 22 mencionado anteriormente e reproduzido a seguir.

- (32) então *eu* fui nu casamentu da bevelina (...) aí fomu nu casamentu ...quando casô a gente foi...*u vosso avô...meu bisavô ...foi u grigório* (...) i foi *u bevelinu* (I.12,p.183)
- (22) *são tiago* hoje é *uma cidade* boa pra *nóis* que somo aqui...*desse lugarzinho pobre* né? graças a deus temos bons professores boas escola...bons padre (I.1,p.15)

De acordo com as reflexões de Labov (1994) vistas no início, podemos inferir que se o autor tivesse acesso a estes resultados, argumentaria que casos totalmente não-marcados (de sujeito zero e não-realização da concordância) passaram despercebidos e não foram recolhidos.

Embora isto seja uma possibilidade, os resultados compilados neste estudo sobre a realização dos pronomes reflexivos e a realização do sujeito e da concordância verbal apontam para a outra conclusão possível. Nominalmente, existe realmente uma forte tendência de preservação da informação, quando esta representa informação nova no discurso.

Considerações finais

Ao contrário da visão de Labov (1994), nossos dados demonstram que há uma tendência de preservar a informação referencial em contextos nos quais esta representa informação nova.

Assim, tanto a concordância verbal de 1ª pessoa do plural quanto o pronome reflexivo tendem a ser mais frequentemente realizados pelo falante, quando sua ausência implica comprometimento da informação.

Os resultados dos cálculos quantitativos evidenciam, além disso, que o falante tende a evitar a redundância. Em outras palavras, nos contextos em que a concordância verbal e o pronome reflexivo equivalem a informação dada, predomina a sua omissão.

Os dados da presente pesquisa apontam, portanto, para a relevância do fator *status* informacional como uma das forças que governam fenômenos de variação e mudança linguística no português popular brasileiro.

2 Há apenas uma ocorrência de verbo não-marcado: *quando nós viemo praqui é... é nós três né?* (I.11,p.165). Esta se insere num contexto discursivo em que o documentador pergunta à informante quantas pessoas moravam em sua casa. O sujeito constitui então a informação nova requisitada, sendo explicitado na função de Rema da oração subsequente. Interpretamos a casa vazia do sujeito como informação nova no sentido de não conhecida, na medida em que seu referente só é esclarecido posteriormente.

REFERÊNCIAS

DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause*. Dordrecht Holland/ Province RI:USA: Foris Publications, 1989. 433 p.

_____. *The Theory of Functional Grammar. Part 2: Complex and Derived Constructions*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997. 477 p.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic – the social interpretation of language and meaning*. Great Britain: Edward Arnold, 1987. 256 p.

_____. *An Introduction to functional grammar*. Great Britain: Edward Arnold, 1994. 434 p.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991. 344 p.

_____. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford–UK / Cambridge–USA: Blackwell Publishers, 1994. v. 1. 641 p.

_____. *Principles of Linguistic Change: External Factors*. Cambridge/ Philadelphia: Blackwell Publishers, 2001. v. 2. 572 p.

LIMA-HERNANDES, M. C. O processamento das funções de base comparativa: Proposta de análise funcional. In: *Seminários de Linguística Funcional*. São Paulo: USP, 2004.

PEREIRA, D. C. *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista*. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, D.C.; RODRIGUES, A. C. S. O peso do fator discursivo Dado X Novo na variação da concordância verbal de 1ª pessoa do plural no Português Brasileiro. In: XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 2008, Montevideo. *Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL*. Montevideo: Universidad de la República. Disponível em <http://alfal.easy-planners.info/programa/buscar.php?id_tl=645#>. Acesso em 18 jul. 2012.

RODRIGUES, A. C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. 259f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Concordância verbal e estratégias de pronominalização. *Estudos Linguísticos*, Lorena, v. 18, p. 546-554, 1989.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *Delta*, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.